

# PEQUENAS CONFISSÕES (EM LINHA RETA)

Thássio Ferreira

COMO DAQUELAVEZ em que eu passava pela rua, ouvi: Cobertor... e virei-me: um homem, em situação de rua, como se diz. Mas segui meu rumo, apesar da toalha e do lençol fino na mochila, voltando de viagem, e doeu, e dói hoje feito uma lama suja sobre a pele queimando ao sol, arrancando alguns micropedaços de mim enquanto racha e se esfarela, porque talvez por medo, preguiça, a insensibilidade que vai se entranhando infeciosamente, ou talvez algum outro *não* que deveria ter sido um *sim*, eu segui, sem olhar pra trás nem uma segunda vez aquele homem que certamente doía mais que eu.

Ou quando noutra rua: vi a senhorinha, com enorme dificuldade, agarrando a mão a um fino tronco de árvore, a fragilidade daquela velhice animal, carnalmente animal, tentando escorar-se na fragilidade de uma juventude vegetal. A árvore vergou um tanto, farfalhando-se toda, e a senhora sob o sol. Tentava atravessar à outra calçada, e temi que não conseguisse, mas não corri pra ajudá-la, acho até que diminuí um pouco o passo, na covarde esperança de que tudo se resolvesse antes que eu chegasse tão perto que minha covardia doesse como um arpão, e outro alguém, na direção oposta, tão oposta a mim, chegou-se a ela e lhe ajudou, pra alívio e redenção de todos nós.

Como no ônibus quente, que havia demorado tanto a passar, um pastor com a expressão séria dos sérios, ao fim de uma longa noite de domingo, pôs-se em pregação, e altissonei minha voz e

lhe disse: Senhor, com respeito e licença de o interromper, tenho certeza que o senhor é um homem de bem e eu também sou, e entendo seu desejo de dar testemunho de sua fé, mas não aqui, onde outras pessoas, todas de bem, não estão de acordo em ouvir e busquei falar com cortesia e humildade firmes e ele respondeu: Sim e sentou-se. Ou será que: imaginei isso e apenas tentei dormir deixando o homem pregar, talvez por menos tempo do que eu esperava, certo talvez — talvez não — de ser essa a atitude mais generosa? Certo mesmo, sem talvez, é que: não lembro.

Também: quando numa tarde sufocante (por fora, por dentro, pelos entremeios), naquele cartório cheirando a mofo, um dos atendentes, tão jovem (tão equivocado, tão arrogante), em diálogo cujo início eu (talvez felizmente) não presenciara, lascou ao colega que: As meninas se dizem feministas, mas vai você se dizer machista; aí não pode!, olhando-me em seguida, entre desafiador e talvez suplicante: desamparado. Pensei em replicar (eu deveria, porra!), abraçar seu desamparo e desafio com firmeza, dizendo: Não, explicando que: Não são conceitos equivalentes, né, parça, feminismo é sobre igualdade e machismo é sobre oprimir, ora porra!, mas calei-me, fingindo olhar o celular até que meu documento estivesse pronto, sufocado em tanta fraqueza e inação.

Como d'outra feita, naquele hipermercado repleto de vazios em promoção, o rapaz mais velho: humilhando o menino em voz sarcástica: Vai chamar a mamãe?, e a mulher ao lado espezinhou: Seja macho! Dois adultos e uma só brutalidade alinhados frente à criança, frente a mim, que poderia ter me insurgido, intervindo, lutado. Mas: nada (ao som do carrinho de compras que se afasta).

E quando a lama soterrou a cidade, meu amigo foi até lá gravar as notícias pro jornal e no dia mesmo em que retornou estava tão exaurido, tão em prantos. Eu não quis saber: exigi sua presença no meu aniversário. Ele foi. E vi nos olhos dele: a

tragédia. Em vez de abraçá-lo, dizer: Chora, chora sim e vai pra casa, amigo eu fingi (que não vira nada, que não percebera aquela dor funda feito um vácuo), odiando-lhe por dentro: que deixasse a tragédia fora da minha festa.

E tanto mais eu fiz, sozinho, sem ninguém (nem deus, acho) por testemunha: nem ousou confessar.

THÁSSIO FERREIRA é poeta e ficcionista, autor dos livros *(DES)NU(DO)*, *Itinerários e agora (depois)*, de poesia; e *Nunca estivemos no Kansas* (contos). Escreve a coluna *Alguma coisa em mim que eu não entendo*, na Revista Vício Velho ([viciovelho.com](http://viciovelho.com)).